



Da preservação urbana à dimensão Bigness da arquitetura contemporânea

Allana Alves de Souza (IC)* allana_alvess@hotmail.com

Sandra Catharinne Pantaleão Resende² (PQ)* sandra.resende@ueg.br

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: A presente pesquisa refere-se a abordagem de Rem Koolhaas, arquiteto holandês, quanto a preservação urbana, tendo em vista, a incorporação das ações preservacionistas aproximarem-se do planejamento estratégico e alavancar a economia e a emergência da indústria do turismo cultural. Para o desenvolvimento do artigo, considerou-se os termos empregados por Koolhaas no livro *S, M, L, XL* (1992) e depois suas impressões sobre a produção arquitetônica contemporânea que amplia, inclusive, a ideia de monumento, demonstrando a ampliação da escala de atuação, conforme aponta em seu texto *Bigness*. Suas reflexões apontam para as ideias de *marketing city*, *branding urbano* e cidade do espetáculo, possibilitando compreender os efeitos da globalização e do capitalismo financeiro sobre o espaço urbano. Mediante esses aspectos, a pesquisa aborda as intervenções urbanas na Europa, com destaque à cidade de Paris, em que é mais perceptível a correlação entre inovação e destruição, sendo também objeto de reflexão de Koolhaas em diversas passagens de *S, M, L, XL*.

Palavras-chave: arquitetura contemporânea. preservação urbana-arquitetônica. intervenção em preexistências. arquitetura *Bigness*. Rem Koolhaas.

Introdução

Este trabalho concentra-se em analisar a produção da arquitetura entre as décadas de 1970 a 2010, analisando a dinâmica *Bigness* da arquitetura contemporânea, mediante as reflexões de Rem Koolhaas, mediante uma análise teórico-crítica da arquitetura *Bigness*, seja econômico, especulativo ou de entretenimento, com ênfase à mudança de escala das ações preservacionistas. Este trabalho é um questionamento da relevância, transformação e novas atividades que surgiram com as arquiteturas grandiosas, destacadamente no continente europeu, tendo por principal referência, os projetos que assumiram Paris como metrópole de escala global.





Nesse contexto surgem os arquitetos-estrela ou arquitetos de marca, quando a arquitetura passa a servir muito mais ao capital do que à sociedade, embora se mascare de boas intenções para vida cidadã, seu real interesse sempre foi a geração de renda. Aliados a essa vertente especulativa os renomados arquitetos-estrela acabam por ganhar espaço, as obras agora passam a ter “design assinado” e isso agrega mais valor do que a arquitetura em si. Para Pantaleão, 2019, arquitetura *Bigness* traz “nada mais do que uma convergência de interesses: uma constelação de arquitetos estrelas aptos a proporcionar arquiteturas cada vez mais poderosas e midiáticas.” (PANTALEÃO, 2019). Marca e grandiosidade formam a combinação mais audaciosa e lucrativa da arquitetura *Bigness*.

Mesmo que a *Bigness* tenha se desdobrado primeiro nos Estados Unidos, este, de forma rápida influenciou os arquitetos modernos da França e Alemanha a se atentarem para questões como adensamento e verticalização, já que a Europa se mostrava com cada vez menos espaços para novas construções, em razão de sua abundância em construções históricas preservadas. Assim, na reestruturação econômica de 1970, no intuito de reacender a economia europeia, “considerou-se o turismo como estratégia de voltar a atenção do mundo para o continente, utilizando de sua história e edificações mais memoráveis como bens suscetíveis à atração de investimentos e público.” (PANTALEÃO, 2018). Neste dilema entre preservar o antigo e trazer o novo que Koolhaas estuda a *Bigness*, a *Generic City* e o *Junkspace*. Então, é na reestruturação europeia que os espetáculos arquitetônicos aparecem com mais ênfase, e muito mais vinculados ao caráter de ponto turístico, logo, capitalista, do que ao próprio caráter arquitetônico.

Desta forma, a pesquisa aborda a arquitetura *Bigness*, destacando os projetos de ampliação e preservação de Paris. Busca-se compreender a produção arquitetônica articula com o meio urbano em que se insere, uma vez que além de gerar transformações econômicas, a arquitetura *Bigness* tem o poder de atingir diferentes meios, seja urbano, social, político ou arquitetônico. Assim como reconhecer de que modo a arquitetura contemporânea se condiciona ao capital e à mídia, à espetacularização e festivalização das emblemáticas obras dos arquitetos-estrela, tomando como referência, as reflexões de Rem Koolhaas (1995; 2004).





Material e Métodos

Para a viabilidade da pesquisa, foram selecionadas as principais publicações de Rem Koolhaas cujo enunciado refere-se à cidade, a saber: *Delirious New York* (1978) e textos selecionados de S, M, L, XL (1995): *The Generic City* e *Bigness or the problem of the large*.

Delirious New York (1978) foi o primeiro livro que apresenta especulações imagéticas acerca das transformações da cidade, nele Koolhaas elabora um jogo de termos, neologismos e conceitos metafóricos que representam o real. Já em S, M, L, XL (1995), Koolhaas reúne 20 anos de trabalho do OMA (*Office for Metropolitan Architecture*) com textos organizados em função da escala das obras apresentadas, subdivididas da seguinte maneira: pequena (*small*), média (*medium*), grande (*large*) e extra grande (*extra-large*), demonstrando as modificações das cidades nesse período, articulando os projetos desenvolvidos no escritório e as possíveis reflexões acerca da relação entre arquitetura e cidade.

A partir da *Generic City* Koolhaas analisa e questiona as cidades contemporâneas criticando suas semelhanças com os aeroportos contemporâneos, todos iguais. Questiona se esse processo seria muito mais intencional do que accidental, “um movimento consciente de saída das diferenças em direção às semelhanças? E se estivéssemos testemunhando um movimento de liberação global: ‘fora coma personalidade’! O que resta depois que a identidade é despida? O genérico?” (KOOLHAAS, 1995).

Nesse contexto também aparecem as arquiteturas *Bigness*, extravagantes, exuberantes e especulativas, elemento norteador dessa pesquisa. Para tanto serão analisadas como emerge a arquitetura *Bigness* com mais intensidade e de forma mais expressiva, assim como a interferências dessas novas arquiteturas no cenário urbano-social, tendo em vista o texto *Tabula Rasa Revisited*.

Resultados e Discussão





A arquitetura *Bigness* aparece de forma muito mais clara nas ditas cidades-modelos, as cidades mercadorias, resultado do imediatismo e do desejo de alavancar as economias, conforme aponta Sanchez (2001):

A transformação das cidades em mercadorias vem indicar que o processo de mercantilização do espaço atinge outro patamar, produto do desenvolvimento do mundo da mercadoria, da realização do capitalismo e do processo de globalização em sua fase atual.

A produção do espaço urbano contemporâneo desse modo, perpassa os pontos acima elencados, aproximando-se do conceito de *Bigness*. Conforme Pantaleão (2019), essa arquitetura

[...] traz à tona uma urbanização exponencial em que a associação entre governos locais municipais e corporações internacionais constroem paisagens urbanas capazes de competir entre si e conformarem o continuum espacial de alcance global.

Em outras palavras, observa-se que a arquitetura *Bigness* emerge das intervenções urbanas que almejam reconhecimento internacional e atratividade seja de pessoas, mercadorias ou imagens que agreguem valor ao espaço urbano. Uma das cidades pioneiras em aludir a esse recurso é Paris, ainda nos anos 1980, quando define-se pelo planejamento estratégico a formação de zonas e possibilidades de implantação de equipamentos culturais associados a espaços públicos (figura 1), além de propostas de alcance metropolitano e, até mesmo continental.

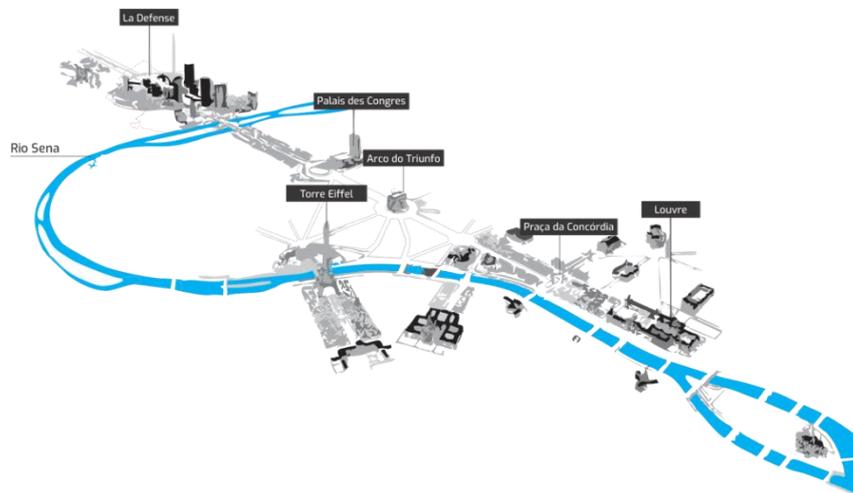


Figura 1: Proposta para o bairro *La Défense* e contraste com a área histórica de Paris. Fonte: Pantaleão, 2021.

Em relação a esse aspecto, Rem Koolhaas, antes mesmo de descrever *Bigness* apresenta outros dois importantes artigos em S, M, L, XL, a saber: *What ever happened to Urbanism?*, escrito em 1994 e *Tabula Rasa Revisited*, inseridos na seção





XL. Esses dois textos reportam às mudanças de escala que as cidades perpassaram desde primórdios do século XX. O crescimento urbano assistido nos últimos quarenta anos revela o exponencial demográfico de regiões até então rurais em diferentes partes do planeta, como Lagos ou a região do Rio Pérola, na China.

Nesse sentido, o arquiteto aponta que a cidade te desafiado os arquitetos, pois os processos de modernidade e modernização não foram completamente apreendidos. Nesse cenário, acrescenta-se o poder da arquitetura *Bigness* em gerar renda, progresso econômico, revitalizar áreas degradadas, e dinamizar a relação entre cidade e sociedade. Isso implica em compreender as escalas que perpassam o projeto de arquitetura e sua dimensão urbana.

Pantaleão (2018) aponta que Koolhaas trabalha a escala, a difusão de uma cultura de massa, a importância da tecnologia e economia no mundo atual, e a função imagética da arquitetura, tendo mais interesse em se preservar um ícone, uma imagem do que o projeto em si, representado no diagrama relativo às intervenções em Paris e a abrangência metropolitana das intervenções urbanas (figura 2).

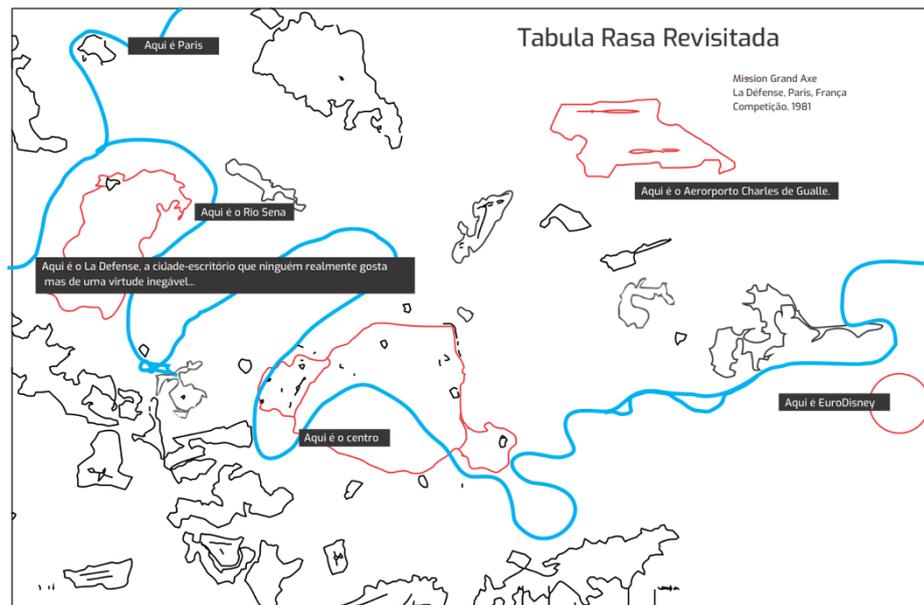


Figura 2: Indicação das áreas de intervenção em Paris, confrontando a dimensão da área central – preservada e as áreas periféricas que passam a receber projetos de grande escala. Fonte: Pantaleão, 2021.

Para que a arquitetura *Bigness* conquiste seu espaço, mais do que no mundo real ela invade o mundo virtual:





[...] são produzidas representações que obedecem a uma determinada visão de mundo, são construídas imagens-síntese sobre a cidade e são criados discursos referentes à cidade, encontrando na mídia e nas políticas de *city marketing* importantes instrumentos de difusão e afirmação.” (SANCHEZ, 2001).

Somados a esses métodos, *Bigness* se alia ao mercado empresarial, imobiliário, de consumo, de “boas práticas”, turismo, e de consultoria em planejamento e políticas públicas, todas influenciadas ou influenciadoras do poder do mercado publicitário-midiático. Conforme complementa Sanchez (2001), a mídia

[...] produz signos de bem-estar e satisfação no consumo dos espaços de lazer, cria comportamentos e estilos de vida e promove a valorização de lugares, bem como os usos considerados “adequados”. [...] celebra os novos lugares transformando-os em espetáculo.

A *Bigness* é a arquitetura icônica, festivalizada, capa de revista, ponto turístico, mas pouco conversa com a história e cultura locais, abriga praticamente qualquer uso em um mesmo espaço, já que o programa desvincula-se da função, e essa da própria arquitetura, são como objetos que suprem os anseios político-econômicos, são teatrais, flexíveis, mutáveis, comoventes, como aponta Colosso (2015, p. 28): “[...] a *Bigness* tenta se desprender das convenções estabelecidas tanto pela tradição historicista quanto pelas versões estilizadas dos modernos.”

As discussões de Koolhaas sobre as mudanças das cidades já se expressam em Nova York Delirante (1978) ao ilustrar a cidade como um mundo artificial, a “[...] cidade torna-se uma referência midiática, isto é, um edifício desgarrado de significados preestabelecidos e suscetíveis às dinâmicas da vida contemporânea.” (PANTALEÃO, 2018). Assim, surge o termo “arquitetura metropolitana”, fragmentada, sem continuidade de escalas urbanas, cada qual com suas próprias dinâmicas, inerentes às condicionantes e configurações locais. No entanto, embora a *Bigness*, abandone os parâmetros de urbanidade da cidade tradicional, ela coexiste com outras arquiteturas, e reativa a vida urbana das Cidades Genéricas. Nas palavras de Colosso (2015, p. 42): “De fato, a *Bigness* é a categoria com a qual Koolhaas reembalha as distinções entre as escalas da arquitetura e da cidade e, com isso, suas limitações e possibilidades.”

Em síntese, considera-se que o livro S, M, L, XL retrata esse percurso de escala e a coexistência de arquitetura contemporâneas e históricas, tornando-se parte





de um jogo midiático que se esmeram nas correlações entre tecnologias informacionais, globalização e mercado financeiro (figura 3).

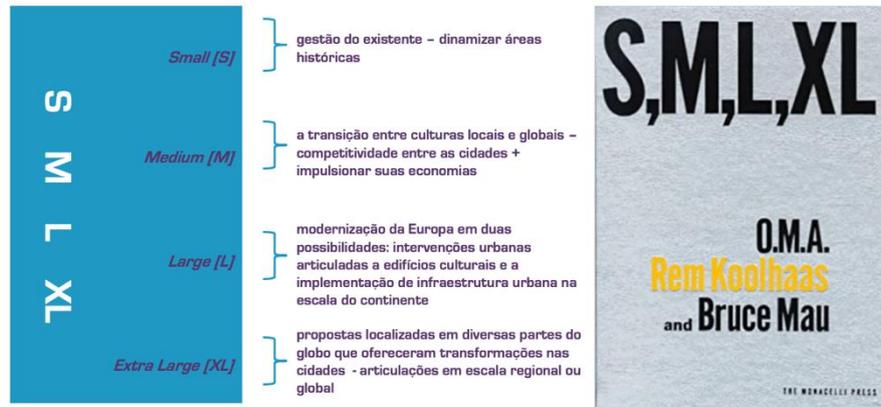


Figura 3: Síntese das escalas propostas por Koolhaas (1995). Fonte: Pantaleão, 2016.

A proposta para as intervenções urbanas de Paris é ressaltada por Koolhaas no texto *Tabula Rasa Revisited*, ao questionar a escala da “cité” e a escala de Paris em sua dimensão metropolitana, inclusive comparando o tamanho entre o “centro histórico” e “o La Defense”. Isso porque enquanto as ações preservacionistas aludem ao resgate de áreas históricas e inserção de novos equipamentos culturais ou reconversão de outros, o bairro La Defense é considerado sem quaisquer valores históricos ou culturais, sendo, portanto, “descartável”. Nesse sentido, Koolhaas aponta as correlações entre a preservação histórica das cidades e as demandas das áreas antes tidas como periféricas, mas fundamentais para que as cidades busquem se destacarem no cenário global. Isso desdobra no texto *Cidade Genérica*, compreendendo-a superficial como um estúdio hollywoodiano e

[...] liberada do cativo do centro, da camisa-de-força da identidade, quebra com esse ciclo destrutivo de dependência: ela não é nada além de um reflexo da necessidade e capacidade presentes. É igualmente estimulante e desestimulante em qualquer lugar.” (KOOLHAAS, 1995, p. 1241)

Assim, a arquitetura *Bigness* abre-se para a Cidade Genérica, faz seu festival, encanta os cidadãos iludindo-os como se recebessem algo altamente benéfico, “assistem a um espetáculo de transformações para o qual são convidados para um lugar aparentemente preferencial, mas que resulta ser apenas uma parte do cenário.” (SANCHEZ, 2001). Os cidadãos se tornam “figurantes de um grande anúncio de grife urbanística” (SÁNCHEZ, 1997).





Isso é claramente apontado por Koolhaas ao elencar os critérios considerados para o bairro La Defense desprovido das amarras da identidade e o contraponto com os *Grandes Projetos*, empreendidos na Era Mitterrand. Interessante observar o diagrama elaborado por Koolhaas (2004) acerca da preservação urbana também destaca a mudança de escala e abordagens de planejamento estratégico para as intervenções urbanas nas cidades globais (figura 4).

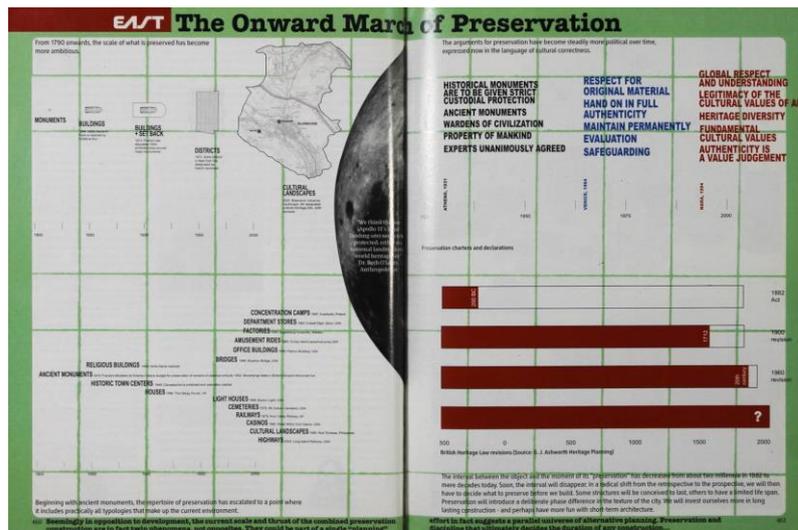


Figura 4: Mudanças de Escala nas estratégias de preservação ao longo do tempo. Fonte: Koolhaas, 2004.

Bigness continua em construção. Mesmo que o recorte aqui estabelecido seja de 1970 a 2010, o impacto da arquitetura midiática continua em cena, alavancando economias, reestruturando dinâmicas urbanas, agitando a *Generic City*, elas se tornam “marcos temporais de reordenamento da dinâmica urbana em escala global” (PANTALEÃO, 2019). Nesse cenário surge a Metápolis, que foge a espacialidade, extrapola o limite físico da metrópole, da cidade global, é a “cidade” que envolve fluxos, que estabelece conexões e correlações para além do entorno, ela tem a força da *Bigness*, do mercado, mas conta muito mais com capital humano, embora este invariavelmente tenha seu objetivo ligado ao capital financeiro, “[...] é impossível de ser representada como uma unidade geográfica, econômica, política e social”. (VÁZQUEZ, 2016).

Se a Metápolis é a desconexão do local para a conexão com o global, a *Bigness* é sua grande aliada, se na primeira vemos os fluxos, na segunda vemos a ativação deles, festivalizada, tecnológica e icônica. *Bigness* redesenha a cartografia





urbana, o condicionante não é mais o limite físico, mas sim o econômico, como acontece no Regime $\text{¥E\$}^{\text{TM}}$, produzem “regiões urbanizadas em que a lógica do mercado e do consumo regulamentam sua arquitetura. Em sua maioria são projetos de intervenção urbana ou edifícios emblemáticos, que visam, sobretudo alavancar os investimentos como produtos rentáveis a seus investidores” (PANTALEÃO, 2019).

Em *Teoria e História da Cidade Contemporânea*, Vázquez (2016) apresenta um comentário síntese que Lefebvre faz sobre o tema, “[...] o espaço urbano é o espaço de consumo [...]” (VÁZQUEZ, 2016). Nesse contexto, a arquitetura *Bigness* sobre aproveitar desse consumo, ela provoca-o, intensifica-o, reativa as dinâmicas, de maneira positiva ou não, em que a articulação das escalas indicadas por Koolhaas são estratégia fundamental. Se falamos de economia e turismo, potencializa; se a vertente é social e imobiliária, segrega e afasta. Entretanto, para Rem Koolhaas a questão não eram os pontos positivos ou negativos, mas sim a *Bigness*, ela por ela mesma, o poder progressista de sua atuação, “a intensificação da vida urbana numa congestão que prolifere mais energias positivas, a criação de programas que permitam esta intensificação e a abertura para transformações e, ainda, uma arquitetura sem identidade facilmente determinada” (COLOSSO, 2015), por isso que a Metápolis sendo uma rede conectada por fluxos se relaciona tão bem com a *Bigness*, a rede conectada por interesses. A união de ambos se reforça na cidade e na cibercidade.

Considerações Finais

Koolhaas estabelece que, na Cidade Genérica, temos as “arquiteturas Photoshop”, mas que também é nelas que *Bigness* se desenvolve para atender as demandas de mercado (VÁZQUEZ, 2016). E muito provavelmente, por conta dessa última afirmação, Koolhaas tenha sido alvo de tantas críticas, principalmente com o advento dos protocolos de sustentabilidade urbana e do desenvolvimento sustentável. No entanto, não se pode negar que a arquitetura do espetáculo realizada e debatida por Koolhaas influenciou e segue influenciando os espaços em que se estabelecem, elas reforçam o *Junkspace*, representam o *branding* urbano, ou seja, a *Bigness*





correlaciona-se nos fluxos, se desdobra no ciberespaço, é grandiosa e imponente no espaço físico, e tem ainda mais reações no espaço virtual.

Para Rem Koolhaas, a superficialidade e o espetáculo são a base da sociedade industrial, mas estes devem estar atrelados ao urbanismo contemporâneo (VÁZQUEZ, 2016), assim por mais que sejam arquiteturas *Bigness* há relação urbana, não se estabelece arquitetura e depois urbano; a primeira pode não participar de um conceito historicista ou reforçar a linguagem local, mas ela impacta o ambiente em que está, e isso se sobressai na vida urbana, no cotidiano. De modo geral, ao indicar as correlações entre cidade e arquitetura, Koolhaas indica isso reforça a ideia do espaço-tempo contemporâneo, uma vez que *Bigness* revela o papel das cidades contemporâneas, que buscam por meio de novos espaços urbanos ou resgate de suas áreas históricas a máxima competitividade em escala global, sendo reflexo de uma sociedade globalizada e acelerada, no qual tempo e capital condicionam a arquitetura atual.

Agradecimentos

Ao CNPQ pela bolsa de iniciação científica (PIBIC/CnPQ).

Referências

COLOSSO, Paolo. **Rem Koolhaas nas metrópoles delirantes**: entre a *Bigness* e da *Big business*. São Paulo, 2015.

KOOLHAAS, Rem. **Delirious New York**. Nova York: Monacelli Press, 1978.

_____. *Bigness or the problem of the large*. In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL**. Nova York: Monacelli Press, 1995.

The generic city. In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL**. Nova York: Monacelli Press, 1995.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL**. Nova York: Monacelli Press, 1995.

_____. **Rem Koolhaas e regime ¥€\$™: paisagens programadas ou programáveis? II Seminário de planejamento, paisagem urbana e sustentabilidade**. Goiânia, 2019.

_____. **A condição urbana contemporânea na perspectiva de Rem Koolhaas**. 2016. 276 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades da virada do século: agentes, estratégias e escalas de atuação políticas. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 16, p. 31-49, jun. 2001.

VÁZQUEZ, Carlos García. **Teorías e historia de la ciudad contemporânea**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2016.

